

**Gravação: tdm47\_Ideias Impopulares****Duração do Áudio: [01:18:35.12]**

<b>Legenda</b>	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Não identificado
Orador C	Gustavo Reinecken
Orador D	Fernando Martins
Orador E	Luciana Loureiro
Orador F	Josuel Junior

Orador A Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador C: Olá Gurizada. Sejam todo bem-vindos ao Trabalho de Mesa esse é o programa número quarenta e sete. É quarenta e sete? É isso mesmo? Quarenta e sete? Nós estamos nos aproximando do cinquenta? Caramba, cara. É muita coisa, cara. Quer dizer não é muita coisa para nível podcast porque tem gente aí que tem trezentos, quinhentos, setecentos. Eu acompanho um podcast que está no setecentos. Estamos aqui no humilde quarenta e sete, mas estamos com qualidade. Eu posso garantir porque aqui quem está falando é o Heineken. E hoje nós vamos falar sobre um assunto muito, muito, muito, muito relaxado porque a gente

veio de uma campanha a favor do teatro e discutindo coisas bem específicas da área teatral, da área artística. Aí de repente, a gente pensou vamos dar uma aliviada, vamos dar um conversada... vamos dar uma pensada para a coisa ficar um pouco mais calma e aí eu assisti o braincast número trezentos e quatro o tem que acabar e aí tive esse insight porque é um podcast que eu acompanho bastante. Aliás, se vocês estiverem escutando vamos conversar, vamos bater um papo mais perto? Eles colocam as coisas que eles acham que tem que acabar. E eu pensei poxa, isso é bem impopular. Eu acho que é uma ideia meio zuado isso aí. E aí inspirado nesse episódio deles, a gente levantou algumas ideias que poderia realmente, a gente classificá-las ou caracterizá-las como quais são as ideias impopulares que nós temos aqui, no teatro. E para isso a gente teve que chamar todas as pessoas que estão disponíveis a falar mal dos outros. Por isso, estamos aqui apenas com o querido, maravilhoso, que voltou que faz um tempão que não aparece o Fernando Martins, o Ferdi.

Orador D: E aí pessoal. Gus, não entendi por que que você me chamou primeiro depois de uma chamada da equipe que gosta de falar mal dos outros. Não entendi porque que eu fui chamado primeiro.

Orador C: Ok. Foi na hora da fila. Foi na hora da fila.

Orador D: Ah foi da fila, entendi. Então é isso. Eu estou aqui sedento para falar mal de alguns.

Orador E: Não e você deu sorte porque quem está aqui não vai ser mal falado. Entendeu? Você se salvou, na verdade.

Orador D: É verdade. Porque eu só falo mal das pessoas pelas costas. Mentira.

Orador C: E também senhoras e senhores, como vocês já puderam ouvir a voz maravilhosa dela, a mais sábia de todas nós, a Luciana Loureiro.

Orador E: Muito obrigada, Gustavo Heineken. Olá, gente. Vamos falar mal de muitas pessoas hoje. Fique atento.

Orador C: E o participante que daqui a pouco já vira arroz porque já tem a carteirinha está sendo convidado para participar de outros lugares e logo, logo, eu falo essa coisa senhor Josiel Junior.

Orador F: E aí, gente? Hoje é fogo no parquinho. A gente fez tantos episódios enaltecendo os colegas artistas, mas a vida é feita de Ying e Young. Hoje é só o Young aqui.

Orador C: Pois é, Gurizada.

Orador D: Salve para Fernanda Young que partiu gente.

Orador C: Ah é verdade, cara.

Orador D: Fiquei mega triste. Mas um salve para ela. O mundo está mais careta.

Orador F: É verdade.

Orador C: Eu fiquei arrasado.

Orador E: Seria incrível ter ela aqui.

Orador C: Bom, gurizada. Então é o seguinte o que que a gente resolveu levantar desse ponto antes da gente começar a falar... deixa só eu dar um explaining aqui para todo mundo. A gente ao longo do tempo, ao longo da temporada toda e principalmente, na temporada que a gente começou aqui no podcast ao longo desse tempo todo, a gente sempre vem analisando, criticando, levantando pontos do mercado, falando de dinheiro, falando de lei de incentivo. A gente fez um apanhado aí se de repente tu é ouvinte novo dá uma olhada de quantidade de programas que a gente tem nesses últimos quarenta e seis para trás que são análises de obras, discussões sobre linguagens, discussões sobre a história. Muitas coisas são propriamente de produtos artísticos específicos, a gente já falou de censura. Mas a gente nunca falou ao longo desse tempo de uma coisa assim, o que que seria o calo? O que que é o problema para discutir dentro do mercado teatral? Porque quando eu converso com outras pessoas que não são artistas, eu sempre tenho aquela impressão e pode ser um equívoco meu, mas eu sempre tenho aquela impressão, que os artistas são um pouco mais disponíveis para novas ideias. Me parece assim. Tipo eles são um pouco mais abertos para novas ideias. Quando você conversa, às vezes com cientistas, eu tenho contato com o pessoal dos Dragões de Garagem, e eu bato o olho entre um grupo e outro e eu percebo que os artistas são um pouco mais promíscuos nas ideias, sabe? Um pouco mais de promiscuidade não importa muito se isso é... vamos defender isso ou aquilo. Só que existe, realmente, dentro do mercado teatral, o mercado artístico ou no metiê, por assim dizer, algumas ideias que elas não são bem-vindas. Aquela ideia que quando você fala para alguém porque você acredita ou você apenas quer discutir sobre ela, sempre rola aquela coisa assim isso a gente não fala. Isso a gente não discute. E não é polêmica necessariamente. Não é coisas que são pesadas ou tristes necessariamente. Não é o timing que está errado. Não. É o assunto mesmo que gera impopularidade. Por isso, nós resolvemos dar esse nome. Ideias Impopulares. Quais são as ideias impopulares da sua área. Da nossa área artística, a gente vai tentar levantar algumas. Mas antes a gente precisa para o recadinho da nossa querida Bilheteria.

Orador B: O Trabalho de Mesa tem o orgulho de ser apoiado pelo podcast Dragões de Garagem. Acessando Dragões de Garagem ponto com, você encontrará textos, vídeos e discussões sobre as áreas científicas e a [inint] [00:05:52.23] uma co-criação dos Dragões de Garagem com o cartunista Marco Merlin. Além dos podcasts da casa. Acesse Dragões de Garagem ponto com e conheça esse maravilhoso portal de divulgação científica. O Trabalho de Mesa também conta com o apoio do portal Refil, um site de entretenimento com notícias, blogs, podcasts e muita informação para você que se interessa pela cultura pop. Portal Refil ponto com ponto br. E confira o Canal de Vídeos Refil TV no Youtube com reviews de filmes, cabines, comentários e discussões sobre cinema e séries. Refil TV no Youtube. Quer entram em contato com o TDM? Bilheteria arroba trabalho de mesa ponto com. Anúncios, serviços, comentários, críticas e sugestões de temas. Entre em contato pelo Bilheteria arroba trabalho de mesa ponto com. E não se esqueça de nossas redes sociais arroba trabalho de mesa no Instagram e no Facebook. Se você quiser conhecer os bastidores de uns dos únicos podcasts sobre teatro na internet, confira nossos vídeos, nossos blogs e as temporadas

anteriores no Youtube Trabalho de mesa.

Orador C: Um assunto que ao longo do tempo, o Trabalho de Mesa já discutiu algumas vezes, mas a gente nunca bateu o martelo porque também não tem como bater o martelo para esse tipo de assunto. Mas que a gente realmente já chegou perto disso foi discutir questões ligadas à biologia dos atores ou a biológicas das atrizes. Em que sentido? No sentido de se existe uma pré-disposição genética daquilo. Então, eu queria já deixar aqui registrado que a gente talvez, não necessariamente, vai entrar nesse prisma porque eu estou tentando convidar alguém dos Dragões ou dois ou três ou só que pudesse ir até o nosso estúdio lá em Brasília para dar um preâmbulo, para dar uma pré-aula para gente sobre o que se entende hoje, quando a gente fala de genética. Qual que é o mais moderno conhecimento que sem quando a gente está falando de gen? Porque eu sempre discuti isso o gen da interpretação se você consegue chegar na interpretação. Inclusive, tem vários episódios que eu citei o mesmo exemplo de um filme chamado eu acho que é Miracle ou Grande Milagre, ou alguma coisa Desafio Final. Não lembro mais o nome em português, mas em inglês é Miracle. E esse filme é um time de Hockey que estava tentando recriar o jogo da guerra Fria, que fez os Estados Unidos e a Rússia poderem jogar. É lindo. A história é linda. O filme é lindo porque são os jogadores que estão bem no momento que existe uma guerra civil entre... a guerra fira entre os Estados Unidos e a União Soviética, existe aquela briga toda e os governos resolvem retirar os atletas das Olimpíadas já que eles vão acabar fazendo a final de hockey entre eles. As olimpíadas de inverno. E os jogadores dos dois times se negaram a seguir a orientação do governo. Falaram olha, o que vocês têm de governo, de coisas de política é problema de vocês. Isso aqui é um esporte. O esporte é muito maior que vocês. A gente vai sim fazer. E foi uma coisa muito interessante porque teve um treinador que resolveu fazer isso. Isso é uma história real. E foi o treinador que resolveu também colocar e todo mundo, os times rivais resolveram falar bem do esporte. E para recriar esse filme, o que o diretor resolveu fazer? Ele resolveu pegar jogadores de hockey para treinar atuação. Porque ele achou que era mais fácil pegar jogadores de hockey que já jogavam hockey, já que o filme seria sobre um jogo de hockey específico, então, tinha que ter uma realidade no jogo de hockey específico e depois treiná-los a atuar. Ensina-rem eles a atuarem do que fazer o contrário do que pegar um ator e ensinar a jogar hockey. O diretor achou mais fácil. Fizeram vários testes. O curioso é que nesse filme, no final vários desses atletas desistiram de serem atletas e viraram atores de verdade. E hoje, eles são atores de seriados e tal. Tipo os caras se descobriram também na atuação e aí me levantou esse ponto e no documentário desse filme, eles falam sobre... eles estavam procurando pessoas que tivessem o gen da interpretação. E esse era um ponto que eu sempre achei muito polêmico. Será que a gente tem esse lugar? Será que existe esse ponto? Porque no meu entender meio que não existe. Só que essa não é uma ideia totalmente impopular porque ela é um pouco mais abstrata, ela cai numa esfera meio científica. Precisa de outras questões. Mas o meu ponto para vocês é, pessoas, o que seria então, uma outra ideia claramente que você já viveu que é muito impopular e que você colocou... que é muito difícil de ser tirada do teatro?

Orador F: Nossa já estou com raiva aqui. Só com essa introdução já estou com vontade de apontar um monte de erro, de um monte de lugar. Acho o exemplo do filme com jogadores de

rugby muito interessante.

Orador C: Hockey.

Orador F: É rugby?

Orador C: Hockey.

Orador F: É hockey. Pensando na possibilidade de você, de fato, não encarar a profissão como algo exclusivo, de quem opta por estudar teatro senão a gente também fica num lugar muito presunçoso, como se... como jornalista se você não fez a faculdade de jornalista. você não é jornalista. Então, tem muitas portas nessas questões. Acho lindo enquanto projeto. Mas todo mundo que fala desse filme, fala sabendo da história dos bastidores. E isso, querendo ou não já nos seduz emocionalmente. Se ninguém em fala nada, talvez numa visão mais voltada a interpretação, me chamaria a atenção. Mas por eu já saber e por já ser anunciado na construção da obra que é feito, a princípio, por não atores, mas jogadores do time de hockey. Aí eu já olho com carinho. Mas olha as esferas. Aí a gente está falando de um processo preparatório cinematográfico que vai pegar essas figuras e transformá-las em personagem de filme. A gente também não pode colocar todo o mérito em cima da interpretação. O filme foi dirigido, o filme foi escrito para emocionar e para que isso também fosse amenizado. Senão a gente vai estar sempre passando a mão na cabeça daquela interpretação mais ou menos.

Orador C: É só que no caso do filme, eles colocam que assim eles fizeram testes com vários atletas. Era o pré-requisito só que só foram chamados os atletas que tinham capacidade de atuar. Eles falam isso no documentário. Tipo o que a gente estava buscando eram atletas que tinham o gen da interpretação. Cara vai olhar e fala você saberia ser ator, então vem para cá. E aí eles fizeram uma seleção de onze pessoas que realmente conseguiram atuar. E foi isso que me chamou atenção. Ué gente, existe isso? Existe uma coisa que separa um do outro? Tem gente que pode atuar e tem gente que não pode atuar? Eita.

Orador F: É o gen da interpretação é uma expressão muito gostosa porque isso até a Larissa Manuela e a Maysa conseguem no Raul Gil. A criança de três anos ela não sabe se ela via ser atriz, o pai vê uma pré-disposição porque a menina é mais engraadinha, mais extrovertida. Leva no programa do Raul Gil. Então, você tem por exemplo a Larissa Manuela, é uma atriz, um ídolo teen no Brasil. Deve ter aí quinze, dezesseis anos. Eu não sei. Ela fez a Maria Joaquina no Carrossel. Dentro do que ela aprendeu a fazer desde os três, quatro anos de idade, ela é muito boa. Mas ela nunca fez teatro. Mas dentro da linguagem de televisão, ela entende o que é texto, posicionamento de câmera. Então, o gen ele pode vir com uma pré-disposição, sei lá, não sei se extrovertida, talvez. Mas aí tem um estudo e tem pelo menos uma questão behaviorista que é a repetição. Não é possível que dos três aos dez anos, a pessoa não aprendeu a interpretar alguma coisa sendo que ela está dentro desse veículo. Eu não sei. É uma dicotomia danada porque até hoje eu não sei. Não sei.

Orador C: É por isso que eu queria trazer alguém dos Dragões porque eu sei até onde eu vi eles falando, já discuti um pouco com eles isso. O termo gen da interpretação, ele é cientificamente equivocado. Já não existe essa opção. Gen é uma coisa que não tem nada a

ver com o que a gente. Porque a gente tem esse lance de ficar usando palavras promiscuamente, a gente ser humano. A gente aprende essa palavra e usa essa palavra. A gente não sabe necessariamente se essa palavra é aplicável ou não. Eu me lembro que quando eu terminei a faculdade de cênicas, uma coisa que me incomodava muito era quando as pessoas ficavam falando de drama. Drama, drama, drama. Eu falei gente, mas drama não é isso. Sabe eu ficava assim naquela luta. Não, mas drama não é choro. Só. Drama, na verdade, é ação só que é um conceito que é acadêmico. As pessoas usam a palavra drama... as palavras são mais vivas do que só a academia define. A mesma coisa que aconteceu com quântico. Quando as pessoas começam a falar a energia quântica de não sei o que, quântico da física quântica. Cara a maioria esmagadora...

Orador D: Coach, quântico...

Orador C: É a maioria esmagadora das pessoas que usam a palavra quântica, elas não têm noção nenhuma do que quântica significa. Elas só usam porque é um termo científico qualquer. A gente usa para teoria, por exemplo. Os cientistas sempre batem muito. Os Dragões de Garagem, eles sempre batem muito nesse lance quando a gente fala ah mais isso é uma teoria. Que a teoria científica ela é uma tese muito, muito, muito além do que só uma ideia. Eu tinha esse lance na faculdade, sabe? Essa agonia porque eu aprendi a palavra drama num sentido acadêmico e a palavra meio que sai para qualquer lugar. Então, quando eu assisti esse documentário dos gens da interpretação. Eu fiquei meio assim, caraca. Não é um documentário. É tipo que um making off desse filme. Eu fiquei meio assim cara, não existe um gen da interpretação. Isso não faz sentido, cara. Porque gen não é isso que é genética. O DNA. Ah está no meu DNA. Não tem. Seu DNA é noventa e oito por cento igual do orangotango. Se tem, tem alguma coisa no seu DNA tem no orangotango também, sacou? Não é esse. Não é isso que define. Mas ao mesmo tempo, eu entendo que as pessoas usam esses termos e eles vão levando esse termo. Então, acho que eu quero dizer é que a base do nosso raciocínio hoje, desse episódio, é que as vezes a falta de informação em larga escala, tipo, realmente se informar das coisas impossibilita as pessoas de darem uma evoluída em alguns assuntos. E quando você tem uma mínima interação, eu não lembro o nome de um determinado fenômeno que a psicologia usa que é o lance da ignorância é um pesquisador que usou esse termo. Tipo assim quando a pessoa é muito, muito ignorante num determinado assunto, ela chega num determinado nível que ela não percebe a ignorância dela então aquilo passa a ser desconhecido. E é um pulo para virar mágica, na verdade. Porque assim, eu sei que eu sou ignorante em termos da medicina, por exemplo, eu conheço os nomes de alguns ossos, mas eu, tipo assim, eu não consigo pensar a quantidade de nervo que passa dentro de um vaso capilar, sei lá. Eu não sei nada disso.

Orador F: É porque você não assiste Grey's Anatomy eu me formei em medicina só com as doze temporadas de Grey's Anatomy.

Orador C: Não, mas exatamente, esse é o ponto Josiel. Eu não assisti Grey's Anatomy, eu entendo que existe um mercado e eu entendo que existe um monte de conhecimento científico medicina, da medicina que eu jamais conseguiria dizer que eu sei tudo sobre medicina porque eu vi que existe. Então, esse é o ponto. Tem momentos que você é tão ignorante em

determinado assunto que você não sabe que você é ignorante naquele assunto. Que é diferente de você ser um pouco ignorante. Por exemplo, eu não sou totalmente, cem por cento ignorante em medicina porque eu já assisti Grey's Anatomy, entendeu? Tipo tem uma porcentagem que eu sei que existe e o fato de eu conhecer aquilo faz eu entender a minha ignorância. Eu sei que eu não sei sobre aquele assunto porque eu sei que aquele assunto é vasto o suficiente. Quando eu não sei nada, zero desse assunto eu não sei que eu não sei desse assunto, entende? Ele é zero para mim. E isso é muito perigoso. A ideia impopular mora nesse lugar porque quando você fala uma coisa apontando, às vezes, num ponto que uma pessoa é completamente ignorante naquilo para ela aquilo é um absurdo para você. E aí mora o primeiro problema da polêmica, sabe? Você está confrontando uma coisa que a pessoa acredita que ela sabe. Mas ela não sabe nada daquilo, entendeu? Esse que é o problema, sabe Ou ficou confusa a minha fala ou não?

Orador F: Não acho que ficou bem claro.

Orador D: Ficou claro.

Orador F: Eu acho que é isso mesmo. E principalmente quando se repassa conhecimento, esse é um risco é você saber para qual público você está passando tal tipo de conhecimento até para que não fique uma coisa evasiva.

Orador C: Exato.

Orador F: Quando você fala da questão do gen que ainda é uma coisa que me provoca, eu fico pensando sempre naquela coisa que filho de peixe, peixinho é. Você tem uma ambiência artística e isso não faz de você um artista. Pode fazer de você uma pessoa mais sensível, mais aberta a questão da diversidade, mais aberta a questão da inventividade. Obviamente que se você é uma criança está muito ligado ao universo artístico, você vai estar mais pré-disposto a... como eu posso dizer? A experiências artísticas. Eu tenho o exemplo aqui do Zé Regino que é um ator de Brasília, ator palhaço super engajado na questão das artes cênicas e eu lembro que quando o filho dele era criança, ele fez aquela novela o Rei do Gado era uma personagem bem famosa o Erê que queria voar. Então você tem uma coisa que você fala ganha prêmio de ator mirim da época e que é super justo que era um papel muito legal dentro de uma trama muito referencial na teledramaturgia. Mas aí de repente, essa criança, esse adolescente não têm mais interesse. Aonde é que ficou esse talento? Hoje ele é DJ. Então, eu acredito que essa questão da inventividade do Pedro Gabriel, que é esse ator, que foi esse ator e que hoje é DJ ela ainda existe só que ela é aplicada para outras esferas das artes. Então, gen é complicado. Eu acredito que a ambientação, o ambiente aonde essa criança ou essa pessoa está inserida vai dizer muito sobre o que ela vai gerar em si enquanto sensibilidade e pré-disposição à diversidade artística. Eu acho.

Orador C: Sim.

Orador F: Se fosse assim que nem o Hugo falou no outro episódio, se fosse assim a gente gostava da Gabriela Duarte. A gente não gosta da Gabriela Duarte porque ela é filha da Regina Duarte. Tem a questão que não tem que resolver.

Orador C: É uma coisa de DNA mesmo.

Orador F: É ora. Aí sim é gen,

Orador C: Que maldade, cara. Esse lance do talento, do gen é uma coisa que eu realmente ainda quero que a gente fale. Mas eu tenho uma ideia impopular que eu quero colocar para vocês. Que eu acho que sempre, sempre que eu escuto me irritava e eu sempre bati nessa tecla e sempre gera muita polêmica porque tem gente que acha que não é errado. E eu achava sempre que é errado a gente manter isso. Olha só. Divulgação na rádio. Tá rolando lá. Falando ah vai ter um espetáculo maravilhoso, no teatro no sei o quê, na rua de não sei aonde, você tem quem ir é dia de semana tais e tais, dia tal e tal, grande ator vai fazer isso, tem atriz de não sei quem. E o melhor é de graça. E aquilo me matava. Eu ficava não faz isso, cara. Não faz mesmo que o espetáculo seja de graça. Não importa, mas não dá uma ênfase de que isso faz com que o espetáculo seja melhor. A gente tinha que avisar e esse é o recado para os divulgadores e não os artistas. Mas os divulgadores de teatro e de arte em geral, esses jornalistas que nos escutam. Não dê essa ênfase panaca. Não fala que é de graça porque é melhor. O melhor é de graça. Você pode dizer que é de graça não tem problema. Afinal de contas, você tem que informar. Você pode dizer retire o seu ingresso na bilheteria. O espetáculo conta com apoio financeiro de não sei quem e por isso ele está a custo zero para você. Sei lá. Invente outra... mas não fala num termo qualitativo de que o melhor é de graça porque na sequência vem um que está cobrando trinta reais. E se você ensina que tem alguém cobrando trinta reais e ele não é melhor porque é de graça aí você está aniquilando o mercado, cara. Não faça isso.

Orador D: Polêmico. Polêmico. Polêmico.

Orador F: Mas eu concordo com o Gustavo. Eu acho que não em relação ao uso do como se divulga a questão do gratuito e tal. Eu acho que o ingresso gratuito ele treinou mal. Treinou mal. Os editais aquela... a gente teve uma onda muito impactante para cena cultural brasiliense, eu vou falar do Distrito Federal para gente poder situar o ouvinte e tal. Teve uma onda muito impactante nos últimos quinze anos assim talvez um pouco mais, uma onda de crescimento de leis de fomento, do próprio fundo de apoio à cultura, ele foi aumentando, ele foi cada vez mais... foi possível patrocinar cada vez projetos e tal. E a gratuidade desses projetos, hoje, impacta muito fortemente a cena cultural porque hoje a gente não tem mais... sei lá... essa vasta... essa fartura de opções de editais. A gente não tem mais essa... e as pessoas desacostumaram a pagar pelo teatro. Tipo é... pontualmente falando do teatro é delicado, sim. Quer dizer, estava até na minha listinha de ideias impopulares essa história de ter a gratuidade do ingresso desacostumou a plateia a entender que aquilo tem custo e que tem muita gente trabalhando por trás.

Orador E: É muito interessante quando a gente pensa, por exemplo, historicamente, se a gente fosse escrever um livro sobre a história do teatro ia escrever sobre a perspectiva de quem paga. Quem é que paga? Na Grécia, quem era que pagava? Eram os aristocratas, eram aqueles quarenta e cinco que faziam parte do coro que eram homens ricos que pagavam pelo espetáculo, pagavam pelo festival e a população assistia gratuitamente porque era... era muito

honroso pagar para que aquele espetáculo que era um rito religioso também fosse feito. No Império Romano... estou falando isso do Teatro que a gente chama de Ocidente. E aí em Roma, quem pagava eram os políticos. Na Idade Média, quem pagava era a igreja. E aí a gente entra na Renascença, na Idade Moderna, e aí a lógica burguesa ela é implementada e quem pagava são... quem paga é o público. Então a gente tem uma mudança aí de chave. E aí é interessante as ideias que nascem a partir de quem paga. Por exemplo, é só na Idade Moderna, é só a partir da Renascença que vai nascer a ideia do gênio. A ideia do gênio não existia de um gênio individual, que produz arte e que aquela arte era muito cara. E da arte popular é nesse momento que se separa. O que é arte popular do que é uma arte não popular o que seria uma arte de elite, erudita. É nesse momento e aí arte popular não deve ser paga, ela é uma arte produzida pelo povo. Está ali, todo mundo junto. E a arte erudita que é uma arte mais sofisticada, ela é uma arte que custa mais então, a gente é furto desse momento aí. E várias políticas foram feitas, mas a história da arte ela pode nos ensinar muita coisa sobre a maneira como a gente enxerga o mundo.

Orador C: Tá tudo lá.

Orador E: É. Está tudo aí. tudo é uma questão de perspectiva, sabe?

Orador F: Será que talvez, então, essa questão do e o melhor é de graça. Não veio de uma coisa que eu não sei se em Brasília funciona, mas na Latino América, tem uma coisa muito forte do teatro independente, do teatro popular que de fato compete com o teatro clássico. Se você for pegar, por exemplo, festivais em São Tiago do Chile. Tem o festival São Tiago a mil que é como se fosse o Cena Contemporânea, de Brasília. Como se fosse o MEET, enfim, como se fosse um festival habitual. E você tem a rede interpola que são os encontros de teatro popular latino americanos. Eles lá tem muito orgulho que oferecem de graça à população porque é um teatro de guerrilha, é um teatro de resistência, é um teatro de periferia e dentro dessa perspectiva, eu imagino que talvez essa chancela do e o melhor é de graça, as vezes nem é do próprio jornalista que cede o seu espaço. Às vezes é desse grupo que começou numa esfera de periferia tem o espaço para de repente divulgar e mantém esse discurso do e o melhor, galera, é de graça, é para comunidade. Mas agora, quando o Gustavo fala essa coisa do grupo de teatro anuncia que é de graça e o próximo cobra trinta reais aí sim, eu imagino que seja responsabilização da editoria que coloca isso perto porque aí de fato vai causar para o público que está ouvindo ou para o público que está assistindo um comparativo muito discrepante entre o de trinta reais e o melhor é de graça, dá até uma impressão de que o melhor é de graça tem uma espécie de demérito enquanto qualidade. Pensando na questão dos dois estarem coladinhos numa agenda cultural, por exemplo.

Orador C: Eu sempre achei problemático, cara. Sempre achei problemático porque assim me parece, eu não teria essa informação completa. Mas me parece que esse... assim jornalista, para mim, embora eles não gostem de falar eles são formadores de opinião. O repórter ele é um formador de opinião mesmo que eles gostem de ficar dizendo que ele é isento, que ele tem toda a ética jornalística que fica só dando a notícia. O repórter o cara que reporta a informação, mas que não valoriza ela. Assim nas faculdades atuais do jornalismo e depois que você conversa com jornalistas ou pesquisadores do jornalismo especificamente, eles

colocam que essa isenção, ela não existe real, sabe assim? A gente tem que assumir quando a gente escolhe falar de uma matéria ou escolhe falar de outra, escolhe falar de uma notícia e não escolhe falar da outra, você naturalmente faz as suas escolhas políticas ali. Isso já é claro. Ok. Então assim, o jornalista ele é um formador de opinião. Para mim, o jornalista... independente se isso veio do grupo ou não veio do grupo, eu sempre assumo que a culpa de dizer e o melhor porque na verdade não é informar que é de graça. Informar que é de graça ok porque afinal de contas ele tem que reportar a informação. O problema é o cara dar o juízo de valor e o melhor. Esse é o ponto. E o melhor, galera é de graça. Para mim, é um tiro no pé. Se for de um grupo é burrice total. Absoluta. Para mim não tem contexto que justifique essa burrice. É burrice. Porque algum dia esses caras vão precisar ganhar dinheiro. Seja ganhar dinheiro do governo, seja ganhar dinheiro do empresário, seja ganhar dinheiro... não importa. Em algum momento, ele vai ter que ganhar dinheiro. E esse ganha dinheiro está desatrelado a esse valor o melhor é de graça. Ele está aniquilando a própria estrutura. A gente passou por isso na escola de Teatro Confins Artísticos, a Ética que é aqui em suporta o Trabalho de Mesa a gente ofereceu cursos por causa de um edital público, a gente ofereceu cursos de formação de ator, de iniciação teatral de graça. Porque era de um edital. O edital exigia que fosse de graça. E a gente escolheu fazer curso. A gente podia ter escolhido fazer apresentações artísticas. A gente escolheu fazer cursos e aí a gente ofereceu cursos por cinco meses. Quando terminou o edital, terminou o patrocínio, a gente dois meses depois iniciou os nossos cursos, que a gente já tinha. E aí ninguém quis fazer. Todo mundo falou...

Orador D: É pago ninguém quis.

Orador C: É vocês vão fazer de graça de novo? Aí... é talvez no ano que vem a gente se inscreva nesse projeto. Ah então, eu vou esperar para fazer ano que vem. Sacou? Então assim, a gente na verdade...

Orador D: Que foda, hein.

Orador C: Teve que fechar, cara. A gente não teve curso porque a gente na localidade que a gente estava, as pessoas que estavam nos acompanhando ali elas esperavam a gente oferecer de graça do que oferecer pago porque elas preferiam. Eu não culpo elas. Elas têm... é uma coisa de dinheiro. Ok. Só que isso foi um tiro no pé pra gente quando a gente aceitou botar o curso de graça, embora fosse uma demanda do edital e a gente não conseguiu se planejar direito porque talvez a gente pudesse fazer de graça para pessoas que não tivessem condição de pagar. Porque a gente fez de graça para todo mundo. E aí quando é de graça para todo mundo vem uma pessoa que é realmente da elite, como a gente tinha alunos da elite que poderiam tranquilamente pagar o curso, mas estavam fazendo de graça porque afinal de contas estava de graça. Então assim é um problema. Eu não acho que esse seja o ponto. Problema para mim é a divulgação valorizada de que é melhor. É de graça.

Orador F: Por ser de graça.

Orador C: Aí cinco reais, três reais. Às vezes, o cara fala ah o ingresso está caro. Cento e cinquenta reais. Esse é um juízo de valor que você não pode dar. Cento e cinquenta reais não para você dizer se está caro ou não. Informa a porcaria do valor e deu, cara. Não dá valor...

Orador F: Seria tipo assim colocar que o de graça é no meio para ser uma informação não muito essencial. Eu não digo essencial para não dar tanta ênfase à sílaba tônica. Sei lá. A gente vai apresentar um espetáculo de graça esse final de semana. É o melhor, eu vou estar lá.

Orador C: É uma boa. Essa é uma boa. Sei lá. Realmente.

Orador E: Eu me lembro, Gustavo quando eu terminei o primeiro ano do ensino médio. O governador de Brasília era o Cristovam Buarque. E cadê os trovões?

Orador C: Aquele que faleceu, tá, gente.

Orador E: Cristovam Buarque.

Orador C: O que faleceu.

Orador E: Cristovam Buarque vira casaca total.

Orador C: Não. Ele faleceu.

Orador E: Mas na época ele fez um bom governo. E aí eu recebi uma carta. Terminei. Me formei. Terminei o primeiro ano e recebi uma carta com meu nome. Uma carta oficial dizendo a sua educação custou tanto para o governo esse ano. Eu recebi essa carta. Então de repente nesses cursos que são de graça ou nos espetáculos que são de graça informar ao público. Sempre tem alguém que paga.

Orador C: Nossa. Isso é genial.

Orador E: Entendeu? Quem pagou? Quem é que está pagando? Como é que esse pagamento é feito? Como é que funciona as políticas públicas? É porque, geralmente, os jornalistas eu acho que também não tem essa informação.

Orador D: Eles não têm não.

Orador E: Ou não se interessam. E tipo assim, não é importante para eles.

Orador C: Exato.

Orador D: Não é a pauta da cultura.

Orador E: Não é. Então assim, quem paga? Eu já pensei assim com o Ferdi mesmo no nosso espaço. A gente tem nosso espaço cultural e de colocar impresso no ingresso. A compra deste ingresso garante a continuidade do nosso trabalho. Muitas pessoas vão fazer cursos na nossa escola e pedem desconto. E eu digo olha, eu não vou te dar o desconto porque eu vivo disso. E aí a pessoa diz não, mas eu achei que só o desconto para minha filha não ia onerar. Mas eu penso, mas por que eu vou dar o desconto para sua filha e não vou dar para filha do outro? Por que que eu não posso dar uma bolsa? Entendeu?

Orador C: Por que que a companhia Elétrica não dá um desconto?

Orador E: Isso é o meu trabalho. É exato. Isso é o meu trabalho. Então, é difícil, mas eu acho

que as pessoas em algum momento, elas vão entender e elas vão se responsabilizar. Eu li um livro do, eu acho que é David [inint] [00:32:42.06] ele é diretor de cinema e diretor de teatro também em Nova Iorque. Ele diz que a Broadway na década de quarenta era frequentada pelos judeus que moravam ali nas redondezas. Então, eles assistiam aos espetáculos e eles se sentiam parte daquela comunidade. Eles entendiam que as peças de teatro eram da comunidade e eles participavam. Hoje, a Broadway não é frequentada pelos seus vizinhos, pelos moradores do bairro, eles entendem que é uma coisa totalmente comercial e muito padronizada. É o Reio Leão, é não sei o que. Então assim, é uma coisa muito padronizada, que gente do mundo inteiro vai ver [inint] [00:33:18.06] para turista. Eles não sentem que aquilo faz parte deles. Entende? Então eu acho que tem muitas coisas que permeiam o que é de graça, o que não é de graça, o modo como a informação chega para as pessoas. Sabe?

Orador C: Eu acho que o problema... o problema é quando a gente usa esse slogan do é de graça para... e isso fica atrelado ao inconsciente de quem ouve de que aquilo não tem custo.

Orador D: Isso. Quando, na verdade, às vezes, é o oposto. Porque se você tem um grande fomento, você coloca que é de graça porque você recebeu dinheiro suficiente.

Orador C: Exato.

Orador D: Para não cobrar o ingresso. Na realidade, não é isso que acontece. Mas hipoteticamente, seria isso. E dar isso também ao público. Agora enquanto formação de plateia, eu questiono uma coisa se tudo que se é oferecido for de graça. Vamos supor que quinze projetos culturais foram aprovados, ganharam uma grana legal e, em contra partida ofereceram de graça a gente também perde uma coisa que é o valor de mercado. Porque aí a gente não gera... não quero entrar na questão da competitividade, mas eu quero falar um pouquinho de mercado. Se a gente não tem uma equiparação daquilo que o público pode escolher e se a oferta vem mais do que a procura, há também uma desvalorização. É você pensar numa bolsa de valores.

Orador C: Sim.

Orador D: Se eu tenho muita oferta de curso de graça, de espetáculo de graça, cria-se também no inconsciente coletivo uma sensação de que é banal, de que eu posso ver como não posso ver e é isso também prejudica futuramente a cobrança.

Orador C: Ensino pro público. Na verdade, é um problema até quando a gente tinha essas oficinas gratuitas, a gente tinha uma assiduidade menor porque as pessoas não estão pagando por aquilo também. Então o aluno se comportava de forma diferente quando ele pagava e quando ele não pagava. Entende? O mesmo aluno quando ele... porque a gente teve esse caso a gente teve alunos que fizeram o curso de graça e depois fizeram o curso dois pagando. Ou vice e versa. E aí a gente percebeu um comportamento. Ele faltava aula no de graça. Ele não fazia os exercícios no de graça. Porque é isso na cabeça daquela pessoa aquilo não tinha valor atrelado. Quando ele está desembolsando duzentos conto por mês para poder se manter ali aí ele vai para aula, chega cedo, quando a aula é ruim ele reclama. Sabe? Porque a gente reensina... na verdade, o outro custa muito mais. O curso de graça para ele custava tipo

seiscentos reais a mensalidade. E ele pagava duzentos quando ele estava pagando. Na verdade, o outro é muito mais caro. E se ele for ver, é muito mais caro para ele também porque ele paga muito mais a relação do imposto. Quando ele paga o outro, um pouco do imposto está diminuído nisso aí porque aí eu que arco com o imposto. Então era um problema só que isso que o Josiel colocou queria colocar não sei se de repente muda o assunto, mas é uma outra ideia que acho até que foi o Josiel que trouxe essa ideia impopular. Que eu acho realmente que é uma ideia muito impopular quando a gente coloca nos grupos sempre rola muita polêmica que é vamos parar de cobrar barato. Esse é uma parada discutível e muito séria tipo quando você estabelece preços baratos para os seus serviços artísticos, você acaba detonando o mercado. É uma ideia. É um fato.

Orador F: Os sindicatos enlouquecem.

Orador C: A gente sabe tudo que envolve nisso tudo. Então é uma ideia muito impopular.

Orador F: Isso é verdade. Eu quero que o nosso ouvinte e a nossa ouvinte pense numa coisa. Se você é estudante de artes cênicas ou de qualquer faculdade de interpretação e sai formado com seu DRT mesmo que você não use o seu DRT. O seu DRT hoje garante que em produto audiovisual a partir do momento que você tem o DRT e que você tem o seu diploma o seu segundo no ar vale dez reais. É só pensar. É uma regrinha de três. Se você é formado ah quanto que eu cobro para fazer um comercial? Calcula. É a regra de três. X está para tanto assim como tanto está não sei que lá. Eu sou ator, sou formado o meu segundo no ar vale dez reais. Nossa. Vale muita coisa. Não. Calcula dez reais num comercial de trinta segundos, você está ganhando aí até um valor digno em cima dessa campanha. Agora isso para um estudante formado que não tem muita experiência na prática. Saiu formado da universidade, da faculdade e está pronto para o mercado de trabalho. Fez curso, se especializou, fez voz Populi, entendeu como é que funciona o mercado aí você tem a possibilidade de num casting cobrar o seu valor de mercado. Por exemplo, eu Josiel hoje, cobro cinquenta reais o meu segundo. Agora quando você pensa cinquenta reais o segundo parece muito caro. Mas é uma negociação que eu faço com o produtor, eu faço uma negociação com o agente de casting. Como os agente de casting sempre levam quinze por cento do que a gente recebe eu joga em cima desses cinquenta reais. E eu, particularmente, negócio sempre entre cinquenta reais ou quarenta reais o segundo mais que isso. Tchau, Bença. Muito obrigado. Nos vemos numa próxima ocasião. O problema é que no mercado de trabalho nessa onda de desemprego onde cada ponta é uma ponta é difícil, você não pegar um comercial que te pague trezentos reais. Eu não pego. Mas não pego com o coração sangrando porque eu sei trezentos reais paga luz, paga um monte de coisa.

Orador C: Viu Henrique. O Henrique está aqui editando, por favor, não apaga o Josiel agora a gente sabe que um segundo do Josiel custa cinquenta conto. Não apaga o Josiel.

Orador E: Eu estou me sentindo tão bem aqui perto dele porque a gente passa duas horas gravando...

(-) vozes sobrepostas

Orador D: Ele custa para produção uma fortuna. É exclusivo do TDM.

Orador E: Eu acabei de entrar em greve. Eu vou pegar um cartaz, vou fazer um piquet aqui na frente.

Orador C: Nem quando ele pedir para apagar, eu vou apagar agora.

Orador D: A gente só fala agora quando a gente tiver... definir esse piso igualitário.

Orador E: Eu tenho DRT há mais tempo que o Josiel que ele é mais novo que eu.

Orador F: Eu não falei que seria uma ideia impopular? Não. Mas isso pensando na publicidade porque pensa o ator que sai da faculdade, ele quer aparecer. A gente quer. E a gente já viveu esse momento então se surge um comercial para ele do sei lá, vamos pegar uma loja regional de vender carro, por exemplo, uma concessionária local, se vai pagar trezentos contos e vai ser veiculado durante três meses, ele vai se sentir lisonjeado, a família vai ver ele na televisão. E ele vai querer fazer outros trabalhos, enfim, a gente também tem que respeitar o que cada um deseja na sua fase de carreira. Porém, se hoje eu cobro trezentos conto, ou melhor, se eu aceito receber trezentos reais para um comercial de TV não tem por que eu cobrar dois e quinhentos para o próximo.

Orador C: Sim.

Orador F: Entendeu? Porque essa, realmente, é a média se você parar para pensar eu faço muito comercial de TV a média mais ou menos é entre dois e quinhentos e três mil. Mas isso se o cliente e se o agente quiser o meu trabalho. Se eles não quiserem o meu, eles podem contratar um outro. E da mesma maneira que eu não vou num casting em que é anunciado que vai receber quinhentos reais para gravar o dia inteiro.

Orador C: Sim.

Orador F: Não vou. Mas aí é uma questão de escolha. Agora, se eu por acaso pegar aí acabou toda essa regrinha de três que eu calculei. Aí acabou o site que eu fiz que vai validar o meu trabalho aí vai invalidar o meu cartão de visita que eu tive que pagar para imprimir e entregar. Então uma série de estratégias vão cair por terra. Então se a gente não bate o pé e fala não, cara o meu segundo é cinquenta, quarenta reais com vídeo. Para esse comercial? De boa. Se eu for por exemplo pegar um produto institucional aí por exemplo, um comercial tem trinta segundos se você topou dois mil e quinhentos reais. Um vídeo institucional de quatro capítulos vai ser dez mil mesmo. Aí você vai negociando fica dois mil com o agente. Ficou... é mais ou menos assim.

Orador C: Exato.

Orador F: Mas se a gente não faz isso, a gente não impõe respeito.

Orador C: Eu lembro quando eu estava monitorando e agenciando a Ética, a gente tinha uma equipe de teatro e uma escola de teatro. Então, a gente estava divulgando da escola de teatro, não sei o que, eu não sei se o Ferdi ou a Luciana já passaram por isso nesse momento talvez

não. Acho que esse momento já acabou. Mas eles... eu recebia muita ligação da igreja universal.

Orador E: Graças a Deus, não.

Orador C: A gente recebia, sabia?

Orador D: Eles agora vão lá na porta. Eu joga água.

Orador E: Eu recebo panfleto. É sério. A gente toda semana recebe alguém ou com panfleto ou querendo oferecer uma oração. E se você diz que não quer, eles rezam nas suas costas e dá tudo errado. Gente, eu vou falar. Vou dar um depoimento. É sério. Aconteceu. Aconteceu comigo. Eu estava superfeliz, amando. Minha escola estava dando tudo certo. Uma evangélica me parou no meio da rua e falou assim você quer receber uma oração? Eu falei não. Não. Não é muito diferente de sim. Eu disse não e virei as costas. A mulher começou a rezar nas minhas costas. O cara terminou comigo, me deu um fora. Eu tenho certeza que foi por isso. Tenho certeza que não foi por falta de dotes artísticos, entendeu? Sensíveis, amorosos... nada disso. Foi essa filha da puta dessa evangélica. Aí briguei com Ferdi fiquei tipo assim um mês brigada com Ferdi, entendeu? Ferdi, meu irmão, meu amigo. Foi por causa dessa mulher. É sério. Então se alguma evangélica te oferecer uma oração, aceite. Aceite. Abre o peito, recebe. Depois você direciona para outro lugar.

Orador C: Eu digo assim a gente recebia ligação da Universal no sentido de pedir serviço. Eles pediam ah vocês têm atores? A gente quer fazer cenas.

Orador D: Aquela novela...

Orador C: Exato. Eram depoimentos assim.

Orador E: Gente, eu já fiz o teste.

Orador C: Aí eles falaram a gente está precisando de um ator para um depoimento específico que envolve mais interpretação. Ele falou assim. A gente queria que você indicasse alunos ou então que vocês, os professores daí, pudessem vir fazer a coisa. Eu falei para ele. Tá. Mas quanto que vocês cobram? Eu já não ia fazer de qualquer jeito. Quer dizer, de qualquer jeito, qualquer jeito não.

Orador E: Vai lá, Gustavo. Vinte mil.

Orador C: Eu queria saber quantos zeros tinham depois do primeiro número. Se fosse sei lá vou te dar quatrocentos reais, eu não obrigado. Aí o cara falou ah cachê é de sei lá tipo novecentos era perto de mil. Nem era mil. E era uma gravação era um monte de coisa assim tipo ele falou comigo um tempo. Eu falei cara, não. A gente não tem interesse. Primeiro por uma questão moral. Pessoalmente, eu não tenho nenhum interesse de contribuir com essa ideia de você enganar as pessoas de que existe uma possessão espírita qualquer no meu corpo e você usar esse material que eu vou criar para você engabelar e ganhar dinheiro de outras pessoas.

Orador D: E essa desgraça ia repetir que nem Escrava Isaura na Record.

Orador C: Exato.

Orador D: Todo ano.

Orador C: Exato. Só que eu falei para ele faria por acho, eu não lembro o número, mas era assim exorbitante era dez mil, doze mil, sei lá. Era exorbitante. Eu faria se fosse X mil. Aí ele falou ah, mas aí é um absurdo. Não pode cobrar esse valor. A gente cobra trezentos, quatrocentos reais para o cara fazer e o povo faz. Aí eu falei bem para ele assim tipo, pois então continue fazendo essas possessões merdas aí porque o dia que vocês pagarem um ator ou uma atriz de culhão suficiente igual eu sou, igual eu conheço, todo mundo acredita nessa merda. Fato. Quando vocês contratarem um ator ou uma atriz foda que vai chegar e vai fazer uma cena inacreditável vai todo mundo ser convertido. Senão fica essas pataquadas de vocês que vocês já põe no ar aí e ninguém acredita.

Orador D: Gente. Gustavo, eu só tenho a te dizer que eu acho que foi depois disso que eu vi a Camala e a Ana Luiza Bela Costa fazendo essas novelinhas. Esse cara ele foi atrás. Ele foi atrás de ator e atriz com cacife.

Orador C: Nessa época, eles até pegaram vários atores de Brasília, eu lembro que tinham vários amigos meus que faziam.

Orador E: Sim.

Orador F: Eu lembro

Orador C: Sim. Então foi nesse período, acho que ele ligou para mim logo depois, que eles já tinham encerrado essas outras opções. Estavam procurando outras, sabe? Só sei que o cara não me ligou e a novelinha continuou, ou seja, alguém continuou recebendo trezentos e continua fazer.

Orador E: Eu quero dar um depoimento. Porque eu fiz o teste e não fui chamada.

Orador C: Estava muito crível. Será?

Orador E: É sério.

Orador C: Era da outra novela.

Orador E: Não. Era da mesma equipe da Camala. Agora estou muito chateada. Me dá o telefone desse cara aí.

Orador C: Mas é sério. Essa é uma ideia muito impopular esse lance de cobrar pouco, sabe? Tipo cobrar barato para atrair público é um grande tiro no pé e é um problema. Eu sei que mora uma questão mercadológica de que você, às vezes, precisa pagar as contas, então o pouco que vier é alguma coisa quando você está devendo dinheiro. Todo mundo sabe. Todo mundo aqui já ficou devendo dinheiro em algum momento por essas questões artísticas, a gente sempre entra no vermelho em algum momento da vida. Se você é artista e não entrou

no vermelho é porque você ainda não é um artista completo. Exatamente. É tipo isso, você vai passar por isso. Então é normal. Então é normal que alguém em algum momento te ofereça um trabalho que é super, ultra difícil, super ultra complexo, super ultra trabalhoso que vai te ocupar muito tempo que vai te impedir de fazer um monte de outras coisas e você vai acabar aceitando porque vai precisar de dinheiro. A gente entende só que a gente em que levantar esse ponto para todo mundo se unir porque se ninguém soltar a mão de ninguém e ninguém cobrar barato, um dia não tem como fazer barato. Esse é o lance. Se o cara quer... por aqui, por exemplo, no Canadá tem esse sindicato de atuação aqui, que é muito sério. Tipo eu não consigo contratar um ator. Contratar mesmo. E pagar para ele menos de cento e cinquenta reais a diária. Cento e cinquenta dólares, desculpa. A diária. Eu não consigo. Se eu quiser achar um ator aí e ele for ator. Ator mesmo. Eu não consigo. Eu tenho que chamar alguém que queira fazer. E a tendência é que eles não queiram. A tendência é que eles não aceitem. Eles falam quanto que vai ser? Aí você fala ah vai x, y, a tanto, mas... eles falam não, cara. Se você vai botar o meu nome e eu vou aparecer lá, eu vou ter que cobrar a diária. Não posso fazer nada. Vão ser três dias, são cento e cinquenta dólares vezes três. Não tem o que fazer. E eu já atuei... já fiz né. Criei um filme e tal aqui com atores que eu não botei o nome deles no cartaz. Eu não botei o nome deles nos créditos. Eles não estão creditados porque se eu creditar, eu tenho que pagar para agentes dele e eu não posso divulgar na internet. Tipo olha o que eu fiz. Eu não posso. Porque se eu fizer o agente do cara vai atrás de mim e fala ou, ele fez e você não pagou. Peraí. Porque é impossível, você achar, sabe? Porque todo mundo se uniu nesse nível. Não vamos cobrar barato e vamos estabelecer um piso. O piso é esse. Mas é mais fácil talvez no cinema do que no teatro. O teatro é um pouco mais promiscuo, digamos assim.

Orador F: O que eu percebo, Gustavo. É que por mais que pareça um pouco de soberba para quem escuta a primeira vez. Muitas pessoas já lutaram para que a gente tivesse esse argumento de falar que o nosso trabalho tem que ser cobrado sim. Claro trezentos reais eu cobro se Game Of Thrones vier filmar aqui em Taguatinga. Ela falar vai ter uma externa praça do Relógio em Taguatinga de Gama Of Thrones. Aí é um outro esquema, entendeu? Mas se você não vai... pensa numa carreira enquanto uma questão continuada, aí não tem condição de você ficar cedendo. Teve um rapaz de Ceilândia. Ceilândia é uma cidade do Distrito Federal, muito fã de Game Of Thrones, eu não lembro qual foi o país em que Game Of Thrones foi gravado. Ele foi lá só para acompanhar uma das gravações para ver de perto porque ele era fã. Aí no meio da rua, no meio de um do condado lá que eles criaram, a população local se recusou a participar enquanto figuração e elenco de apoio porque não tinham costume e estava com vergonha. Aí alguns fãs de Games Of Thrones foram chamados pela equipe para ganhar cem dólares para gravarem uma cena. Ele gravou tipo a terceira temporada de Game Of Thrones lá. Uma ceninha que o cara ia ser julgado, ele ia estar atrás de um rei. Aí ele esperou dois anos para sair na HBO porque ele pensou eu sou de Ceilândia e vou contar para alguém que eu gravei Game Of Thrones nunca vão acreditar em mim. Eu tenho que esperar o seriado ir na televisão. Eu assistir na televisão. Printar, tirar foto. Para falar cara, eu sou muito foda. Fiz Games Of Thrones. E ele apareceu em primeiro plano atrás do protagonista. Sacou? Neste caso trezentos reais justifica porque é um outro rolê.

Orador C: Sim. Claro.

Orador D: Porque depois dessa participação é trezentos reais o segundo no vídeo.

Orador F: O segundo no vídeo. Aí sim.

Orador E: Nossa depois dessa história do cara da Ceilândia, eu estou me sentindo muito merda de não ter sido aceita no vídeo da Universal. Caralho.

Orador C: Luciana, mas tenta entender cara.

Orador E: O cara nem é ator.

Orador C: Tenta entender, Luciana. Eles... eles...

Orador E: Foi ver Game Of Thrones.

Orador C: Eles não querem atores fortes...

Orador E: Fiquei oito anos naquela UNB

Orador C: Eles não querem atores fortes. Eles querem canastrices. Então, na verdade, você tinha que ficar elogiado. Eles procuram atores canastras demais.

Orador E: Tá bom.

Orador D: A grande ideia que eu acho que é impopular que eu fiquei pensando em falar é porque eu acho que não existe talento. Mas se a gente vai entrar nisso vai ser...

Orador E: Que bom então, estou salva.

Orador D: Um problema. Vai ser um problemaço se a gente entrar nesse tema.

Orador E: Vão ser três programas.

Orador D: Três programas.

Orador C: Mas me conta você já teve essa discussão com alguém no grupo? Não aqui. Mas em algum momento com os amigos lá da turma...

Orador D: Eu digo isso na recepção da escola. Às vezes, chega um pai lá dizendo, não porque minha filha é muito talentosa e pá. Ela vive brincando com a escova de cabelo fingindo que é microfone. Quando ela assiste alguma novela, ela logo em seguida ela já decorou o texto e ela fica fazendo na frente do espelho. Aí eu paro assim com a maior cara do mundo e digo sim, ela é criança. Isso toda criança faz. Isso não tem a ver com talento.

Orador F: Isso tem a ver com Raul Gil.

(-) áudio inaudível.

Orador C: Mas você tem que falar não, a gente tem que investir e tal. A mensalidade dela vai

ser mais cara. Porque a gente vai ter que investir nela.

Orador D: Não sei. Acho que eu posso mudar o discurso talvez para tentar enriquecer.

Orador C: Exato.

Orador D: Mas a questão é seguinte é porque eu não acredito mesmo em talento. Eu acho que assim a gente tem... falando obviamente, do que eu posso falar do teatro. Eu acho que a gente tem assim algumas habilidades. Algumas... algumas... a gente se submete a mais tempo treinando algumas coisas do que outras. A Luciana escreve. A Luciana lê muito. Ela escreve e lê muito. Mais do que ela faz alongamento. Certamente.

Orador E: Isso.

Orador D: Certamente, ela é melhor escritora e melhor leitora. Enfim, tem mais referência do que ela é dançarina por exemplo.

Orador E: É toda vez que a gente está no ensaio e ele está passando treinamento físico, eu já entro lá no cantinho e falo tá vendo esse livro aqui? Então assim não fique frustrado.

Orador C: Mas aí você está comparando uma pessoa que já está adulta, já está formada.

Orador E: Que já está velha.

(-) vozes sobrepostas.

Orador D: É. Eu já vi gente que não tinha menor noção de afinação fazer aula de canto e depois de seis meses começar a cantar. Sete meses, oito meses, um ano. Entendeu? E tipo assim...

Orador C: Será que ela não tinha uma pré-disposição já? E por isso ela procurou uma aula de canto e por isso chegou lá?

Orador D: A pré-disposição para cantar é ter voz.

Orador F: Mas eu lembro daquela frase. Não lembro qual é o pensador que diz faz de mim estrela que eu já sei brilhar.

Orador C: Caraca, cara. A gente vai pagar muito royalties para Xuxa um dia.

Orador D: Eu sou muito avesso a essa ideia só do talento. Muito. Muito, muito, muito avesso. Eu acho que a ideia do talento afasta a gente do trabalho, afasta a gente da real coisa, tira o foco da coisa que é o mais importante.

Orador E: Eu estou rindo porque assim quanto mais a gente odeia parece que o universo manda. Eu sou sócia do Fernando e ninguém chega muito para mim com a ideia do talento. Eu acho que quando chega, eu falo. Hum hum tá então... a nossa aula acontece tal hora. Ninguém chega...

Orador D: Para mim, vem muito.

Orador E: No Fernando chega muito. Inclusive uma mãe mandou fotos do filho dela de cueca.

Orador D: Eu briguei com ela.

Orador E: De criança. Meu filho é muito talentoso.

Orador D: Veja.

Orador E: Olha ele fantasiado. Tinha várias... o garoto com várias fantasias de hulk, de não sei o que usando uma peruca. E uma o garoto estava de cueca.

Orador D: Ela mandou para o WhatsApp. Ela mandou pelo WhatsApp ah tudo bem, eu queria saber sobre o curso de teatro. Eu falei ah pois não. Conversamos sobre a escola. Conversamos sobre o grupo. Aí ela começou a falar do filho dela. Aí beleza. Já entenderam que ela começou e aí o histórico é brilhante. Eu logo pensei ela era mãe do Joaquim Nabuco. Não era.

Orador E: Era do Hamlet.

Orador D: Era do Hamlet. Mas assim ela descreveu o filho. Aí eu falei ah que bacana. Faz o seguinte traz seu filho para uma aula experimental para gente... aí ela começou a mandar fotos. Ah ele já fez comercial, ele já fez tal isso, já fez aquilo... aí ela mandou tipo um book que ela mandou fotografar o menino. E o menino de nove anos, inclusive estava de cueca. Em uma das fotos estava de cueca.

Orador C: Ixi caraca.

Orador D: Aí eu chamei ela na escola. Falei você pode vir aqui para gente conversar? Gente quando ela pisou na escola, eu acabei com a cara dela. Falei você nunca mais mande foto do seu filho de cueca. Você nunca mais faça isso. Tipo sabe assim? Aí assim a gente entrou numa discussão de outra ordem. E essa figura inclusive é coordenadora de colégio.

Orador C: E só piora.

Orador D: É. Ela não é uma pessoa assim completamente desantennada, entende?

Orador C: Mas ela te conhecia muito?

Orador D: Não. Ela nunca... nunca nos viu.

Orador C: Porque se fosse tipo assim eu mandaria uma foto do meu filho de cueca para você, Ferdi. Porque eu conheço você. Entende? Se fosse um nível assim.

Orador D: Mas Gustavo, nem isso me mande.

Orador C: Não. Eu não vou mandar. Estou dizendo que assim se eu conheço... se ela fosse muito íntima... muito amiga, vocês se conhecessem... sei lá.

Orador D: Mas eu acho que assim aonde eu estou falando essa coisa do talento? É que eu

acho que esbarra nesse tipo de loucura. É uma loucura. Acreditar demais num talento é uma loucura. É uma loucura absoluta assim. É uma loucura absoluta. Eu lembro muito da Elem Orélia na época que a gente andava muito junto na UNB e as pessoas encontravam com ela e a ouviam cantar e aí dizia para ela, nossa você é muito talentosa. Ela falou não, eu canto oito horas por dia. Aí a pessoa não, não, mas isso é um dom de Deus. Ela falou assim não, eu canto oito horas por dia. Eu lembro dela falar isso e as pessoas a tratarem como uma mulher muito talentosa e ela refutar esse título dizendo não, eu gasto o meu tempo treinando. Eu passo a minha manhã inteira. Quatro horas do meu dia antes de ir para aula na UNB ouvindo músicas e cantando no violão. Encontrando maneiras de cantar essa música diferente. Então quando ela ia cantar uma apresentação e aí eu lembro que ela tinha uma versão da música do Fagner tão bonita. Eu não lembro agora o nome da música. Mas ela tinha... ela cantava de um jeito muito bonita. Ela escolheu melhor do que o Fagner as palavras para ela destacar na interpretação. Eu achava linda a interpretação dela. Tanto é que eu achava a música meio cafonona, meu brega, quando eu a ouvi cantando eu falei caramba. Essa música é linda, eu nunca tinha reparado na letra dessa música. E ela falou pois é então, eu para definir esse jeito de cantar essa música, eu passei hoje umas quatro horas tocando ela no violão. Então assim, sabe o que é quatro horas cantando uma música no violão? Uma música dura dois minutos. Dois minutos e meio.

Orador C: Pois é Ferdi... você não acha que uma pessoa que não tem nenhuma aptidão, ela não conseguiria nem com quatro horas? Ela não conseguiria...

Orador D: Aptidão se chama o que?

Orador C: Não, mas... o meu ponto é o seguinte. Eu entendo, eu também concordo com você. Eu também não sei sobre o talento. Na verdade, eu fico sempre com essa dúvida por isso que eu comecei falando até nisso. Eu não sei mesmo. De verdade. Eu não defini para mim se eu acho que talento exista. Para mi, me parece que não mesmo só que ao mesmo tempo, eu consigo entender que existem pessoas que chegam num determinado nível que é acima da média.

Orador D: Sim.

Orador C: E eu sei que é verdade. Eu não posso chegar e desmerecer porque, por exemplo, a Elem ela tem uma constituição vocal que é diferente da minha. Não é só porque todo mundo é diferente e blá, blá. Não gente é tipo assim o Freddy Mercury nasceu com uma condição genética, talvez, eu não sei se eu estou usando...

Orador D: Quatro oitavas.

Orador C: Estou dizendo o termo genético, mas eu não sei se é exatamente aplicável nesse caso, mas ele nasceu com uma arcada dentária diferente. Ele nasceu com as cordas vocais de uma forma diferente que permitiu ele chegar. Isso é uma coisa que nasceu com ele. Então assim é inimitável. Sabe? Você não conhece chegar nesse lugar. Aí ele pegou trabalhou para poder fazer isso ser alguma coisa. Então a mesma coisa a Elem tem uma coisa que é dela. Se você ver a Elem cantando você vê que ela tem uma parada ali que não é só uma pessoa que

treinou meramente. Eu entendo que é uma loucura usar esse argumento, aliás, para mim, qualquer argumento artístico que é exacerbado é uma loucura. Para mim, astrologia é uma loucura quando ela é usada com coisas exacerbadas. De verdade. Eu acho isso uma loucura quando a pessoa usa isso como parâmetros demais. Ah eu não vou trabalhar com fulano porque fulano é do signo x e eu sou do signo y não vai dar certo. Tipo, para mim, isso chega num momento que passa a ser inibitório, proibitivo, zuado e deixa de ser só uma coisa que a gente discute e brinca.

Orador D: Sim.

Orador C: Então, talento também. Lógico. Se a mãe acredita numa piração que a filha é totalmente genial e a gente tem que investir nela, tal tudo bem. Cara é um piração. Tipo isso é uma criança. Criança faz isso. Só que ao mesmo tempo existe tipo por que a gente curte mais a Fernanda Montenegro do que a Regina Duarte? Não pode ser só trabalho, cara. Parece que tem alguma coisa ali é mais. Nasceu com ela. Sei lá. Sabe? Eu realmente não sei.

Orador D: Vamos lá então, a Elem... vamos pegar o exemplo que eu comecei a dar. A Elem. Ela tem a irmã dela chamada Eliene. E ela tem também o Dadá, que são dois cantores. O Dadá também canta. E a Eliene hoje em dia não canta mais. Eliene é enfermeira. Mas eles já tiveram grupo de irmãos, uma banda chamada N razões. Antes da Elem sair cantando solo. A Eliene que é irmã da Elem tem o alcance vocal maior do que o da Elem.

Orador C: Sim.

Orador D: A Eliene consegue chegar em notas mais graves, notas mais agudas do que a Elem tem a voz, inclusive, mais brilhante do que a Elem. Do ponto de vista técnico, a Eliene ela tem mais, ela consegue mais vibrato, ela consegue notas muito mais difíceis e ela teria como cantora possibilidade de cantar repertórios mais complexos do que a Elem. A Elem tem o desejo de cantar que pulsa na veia dela maior do que a Eliene.

Orador F: Mas tem uma polêmica. A Elem participou de um reality show assistido por milhões de brasileiros e isso naturalmente faz dela mesmo sendo uma pessoa treinada, uma pessoa reconhecida na sua área porque ela também teve a pré-disposição de cantar num reality que é totalmente para massa. Isso faz dela uma pessoa notória publicamente.

Orador D: Não. Eu sei, mas é antes disso. Independente dela ter feito o programa ou não. Tem a ver. Eu estou falando, por exemplo, dessa pré-disposição, do gen digamos assim.

Orador C: Sim. Sim

Orador D: A gente ainda não saiu desse assunto. Se você para do ponto de vista técnico, a Eliene, ela tem alcance vocal maior do que da Elem. Então do ponto de vista fisiológico, poxa, ela tem mais possibilidade teria mais possibilidades para ser um fenômeno. Mas não é isso que define. A Billie Holiday cantava numa extensão vocal de duas oitavas. E ela é a Billie Holiday. Ninguém discute.

Orador C: Eu entendo. Você tem razão.

Orador D: É outra coisa?

Orador C: É. Mas eu acho que isso não é motivo. Você está dando um salto da capacidade da pessoa para o que a pessoa virou. Entende?

Orador D: Sim.

Orador C: Tipo assim, o fato das duas irmãs terem aptidão para cantar e terem essa capacidade técnica só prova teoria de que talvez talento. Não teoria. A hipótese de que talvez talento exista a questão é que a irmã dela não trabalhou o talento. A irmã dela só... tipo assim, eu conheço um cara que é um gênio no violão. Ele cria...

Orador D: Então, eu me expressei mal.

Orador C: Ele toca violão genialmente só que ele é economista. Ele toca violão no churrasco em caso. Ele não quer pegar esse talento dele e investir para...

Orador D: Eu sei.

Orador C: Para ser um violeiro músico, entendeu?

Orador D: Mas então, ele quanto tempo ele toca violão?

Orador C: Cara, é isso que eu falo. Quando o cara é como a Elem uma pessoa vidrada na parada. A pessoa vive aquilo vinte quatro horas. Só que para fazer isso...

Orador D: Então, não é talento é treino.

Orador C: Pois é, eu concordo também. Mas para fazer isso, você não acha que a pessoa tem que... não é uma questão de querer. Esse é o ponto. Eu não sei se é uma questão só de querer. Não é só eu quero. E aí eu vou ser. É só eu pegar um violão. Cara, eu já vi pessoas tipo desenhando que eu olho e eu falo cara... eu vejo a pessoa desenhando num nível absurdo. Absurdo. E eu penso mesmo que eu fique trinta horas ali em cima fazendo a mesma coisa que esses caras fazem, eu não consigo chegar nesse lugar cara. Não vou conseguir.

Orador D: Então, mas você não ficou as trinta horas. Então você não vai saber. Você tem que ficar as trinta horas treinando. Mas você não ficar porque você não tem desejo.

Orador C: É eu não sei cara. Esse papo fica muito coach, sabe? É por isso que eu não acredito. Eu fico, cara... eu não acredito nesse lance do poder da vontade. Se eu quero, eu posso e acabou. Sabe?

Orador D: Não. Mas eu não estou falando de vontade. Eu estou falando de... do passo seguinte à vontade.

Orador C: Mas é porque o eu canso.

Orador D: Que é o treino.

Orador C: Mas é porque o cara cansa. Quando o cara não tem aptidão, tipo assim, eu estava

tocando com uma banda e aí o cara resolveu mudar os acordes. Você que toca violão e já tocou em banda, cantou e tal. Você saca? O cara resolveu fazer... modular a música para três tons, quase. E aí eu tive que desenhar no braço do violão toda a reposição. Reposicionar, teve acorde invertido e tudo mais. Eu me cansava de ter que fazer aquilo ali. Eu me cansava mesmo. Pô, eu já aprendi. Estou há meses treinando a música desse tom e agora vocês querem mudar. E para mim, era uma dificuldade desgraçada ter que chegar e ficar de novo naquelas mesas horas. Eu nem conseguia porque para mim era muito difícil fazer aquilo. Pros outros que eram músicos, principalmente para os dois que eram muitos talentosos, digamos assim, na banda. Eles fizeram na mesma hora.

Orador D: Sim.

Orador C: Eles simplesmente chegaram e... porque os caras vivem com um violão na mão. E na vida deles.

Orador D: Exato.

Orador C: E para mim, eu não consigo viver um violão na mão porque ele me cansa porque para mim é um esforço além da minha capacidade, parece. Sabe?

Orador D: Mas veja só como há uma inversão. Como é que a gente tira o trabalho do foco. Tipo a Elem canta oito horas por dia. Isso a gente não olha. A gente olha que ela se apresenta bem e a gente chama ela de talentosa. Você diz que o cara toca violão o dia inteiro. Ou o cara que desenha trinta horas por dia o dia inteiro. A gente não olha o trabalho. A gente olha o desenho final, a gente olha o cara fazendo o ensaio e modulando com uma velocidade extrema.

Orador C: É.

Orador D: E a gente chama isso de talento. E a gente chama...

Orador C: Não. Mas eu olho... eu até estou pensando. Eu concordo contigo. Mas eu estou até pensando que eu olho o trabalho. É porque assim fazer o trabalho de oito horas, de trinta horas para mim me parece que o cara tem que conseguir ter uma aptidão para passar por isso sem sofrimento.

Orador D: Porque ele gosta. É o desejo.

Orador C: Pois é. Então que seja esse o nome. Mas a questão é que quando você faz uma mudança do paradigma do trabalho para pessoa tipo ah agora invés de fazer isso... vamos fazer aquilo para alguém que tem... como se fosse uma aptidão natural, um desejo sobre aquilo... uma vontade, uma naturalidade de fazer aquilo. A pessoa, simplesmente, chega e passa as oito horas. Para alguém que não nasceu para fazer aquilo, digamos assim, essas oito horas. Elas primeiro não vão ser só oito horas, vão ser muito mais do que oito horas. E elas vão ser oito horas de desgraça, de treinamento, de recondicionar...

Orador D: É assim.

Orador C: E para uma pessoa que talvez não seja talentosa... que seja talentosa, digamos assim, levando em consideração que o talento exista, ela passa por aquilo com mais facilidade. Sabe? Eu não sei mesmo isso. Sabe? Para mim... por isso que eu acho uma ideia impopular. Eu não sei a resposta.

Orador D: Eu concordo contigo. Acho que é uma ideia impopular mesmo. Mas eu acho que para mim, talento não existe. Mesmo. Não existe talento.

Orador F: Ah eu fico em dúvida porque quando eu vou na rodoviária e vejo aqueles caras desenhando paisagem na cerâmica, para mim, aquilo é talento. E eu fico enlouquecido.

Orador D: Quantos anos ele faz aquilo? Há quanto tempo ele faz aquilo

Orador C: Mas Ferdi... você não acha que tem gente que simplesmente faz as coisas sem... por exemplo, crianças que tocam piano? Você nunca viu uma criança de seis anos de idade?

Orador D: Hã hã. Já.

Orador C: Que toca piano mais do que gente que toca piano há trinta anos?

Orador D: Já.

Orador C: Então.

Orador D: Sim. Não. Mas esses fenômenos. Isso é um fenômeno.

Orador C: Então.

Orador D: É um fenômeno. Não tem a ver com...

Orador C: Então.

Orador D: Com talento. É outra coisa.

Orador C: Mas como assim?

Orador D: É outra ordem para mim.

Orador C: Qual ordem? Espiritual?

Orador D: É de outra ordem. Isso não é comum. O que a gente chama de talento é muito banal, Gustavo?

Orador F: É. Agora eu concordo nesse termo porque depois que a gente teve essas procuras por novos talentos. A gente viveu o talento como uma figura de linguagem muito... muito efêmera. O talento ele pode ser qualquer coisa daquilo que eu não sei fazer.

Orador D: Não.

Orador F: Não sei fazer é talento do outro.

Orador D: As pessoas chamam talento de habilidade. Habilidade. Ter habilidade não é ser talentoso. É ter habilidade.

Orador C: Sim.

Orador D: Por quê? Você tem habilidade porque você treina. Porque você gasta tempo naquilo. Porque você gosta de fazer aquilo e aí o seu tempo é consumido com aquilo, mas aquilo não te consome. Que é diferente. Sei lá. Eu não tenho. Eu, Fernando, não tem habilidade, por exemplo, para desenhar, digamos. Eu não tenho. Pessoalmente, ano tenho habilidade para desenhar. Então, o que a gente está chamando... e eu não vou me colocar numa aula de desenho porque isso não está nos meus planos... não vai mudar. Não movimenta minha libido em relação a isso. Eu não tenho menor desejo de ser um bom desenhista. Então assim, eu não vou desenvolver essa habilidade. Então assim, o que eu acho que a gente chama de talento é habilidade. E habilidade a gente adquire. Eu não sabia dirigir. Eu aprendi. Eu não sabia. Eu não sei hoje costurar. Eu posso adquirir a habilidade de manusear a máquina de costura. Mas assim, isso não tem a ver com talento. Você entende o que estou falando agora? Quando eu falo...

Orador C: Eu entendo, mas eu quero falar do que é diferente. Eu quero que você me explique o que que é porque eu tive um aluno...

Orador D: Tá. Do fenômeno?

Orador C: É porque eu tive um aluno, por exemplo...

Orador D: Do fenômeno.

Orador C: É. Que ele era muito pobre. Não tinha condição nenhuma. Nunca estudou nada. Nunca teve acesso a internet, não sei o que. Tipo bem assim, sabe daqueles assim?

Orador D: Sim.

Orador C: E ele pegava o giz da sala de aula. Na sala de aula, ele pegava os gizes que a gente usava para escrever e ele ficava lá no fundo. Cara, esculpindo a gente no giz. Tipo entre a cabecinha final do giz e bundinha final do giz, ele esculpia um totem do professor que estava na frente. E era uma coisa incrível. Eu olhava e falava caralho, cara. Isso é um absurdo que você faz. Não é... e o garoto tinha sei lá, treze, catorze anos. Então assim... não é... eu já vi escultor fazendo em mármore. Mas o cara era tipo um senhor que treinou vários anos. Eu tenho uma senhora aqui em Vancouver que ela é muito famosa. Tem um artista aqui em Vancouver que é muito famoso que faz isso. Tipo todo mundo que vai lá fica, caracas. Mas é uma pessoa que se sabe não esse cara deve ter treinado muitos anos para chegar nesse lugar. É claro. Só que esse moleque lá da minha sala, não. Cara. Tipo o moleque estava lá na oitava série.

Orador D: Ele pegou de primeira vez e fez?

Orador C: Cara, eu não sei porque eu não conheço a vida dele. Mas ele tem catorze anos de idade. Tipo ele não tem idade para ser mestre nisso. Ele não tem idade. Ele não tem tempo

suficiente na história da vida dele para ele virar mestre nisso. Entende? Tipo... a não ser que ele seja uma figura completamente diferente das outras. Porque o cara, simplesmente, chegou e pega um giz e esculpe num nível muito realista e as vezes ele fazia caricaturas, as vezes ele fazia... tipo não era nem só entendimento de uma linguagem, o cara conseguia aplicar outras sem nem conhecer. Ele não sabia nem o que era caricatura, o que era... sabe? A gente não discutiu isso ainda na sala. Ele era muito novo. Realmente à margem da parada. E ele simplesmente esculpia aquilo lá. E eu olhando para aquele moleque, eu falo cara não é possível que isso seja treino. Por que o que ele consome? Porque o cara tem que consumir muita produção artística para conseguir mimicar, sabe? Tipo quem estuda arte, por exemplo, a Elem. Ela pega os grandes exemplos dos grandes mestres, ela escuta muitos discos importantes, muita coisa dos grandes mestres. É assim que a gente fica ótimo, conhecendo também... a Luciana lê muitas coisas. Não lê só porcarias. A Luciana lê grandes livros, clássicos e discute... não dá para você pegar e ficar só lendo jornais e virar um grande escritor de clássicos de teatro lendo só o horóscopo e as tirinhas. Não rola. Pesquisa é pesquisa séria. Esse moleque tem nível de execução do produto artístico, digamos assim que ele tinha que ter consumido, sabe? Minimamente Picasso. E cara, o moleque tinha condição que parece que não sabia nada disso. Eu não conheço a vida dele, mas assim, a grosso modo é muito difícil explicar como é que esse moleque chegou lá se não fosse por uma aptidão diferenciada só do... como se fosse um talento. Uma coisa diferente.

Orador D: Você já ouviu o Howard Gardner, já ouviu falar no Howard Gardner, da teoria das múltiplas inteligências?

Orador C: Já.

Orador D: Então, ele cita nove tipos de inteligências, categoriza nove tipos de inteligências e ele... das inteligências que ele, na verdade, observou dentro do contexto dele de sala de aula, de... sala de aula não. Ele é psicólogo.

Orador C: Sim.

Orador D: Ele é psicólogo cognitivo no âmbito da escola formal. Então o que acontece? Naturalmente, todos nós, dentro dessas nove inteligências, a gente vai ser muito... a gente tem o desempenho melhor, mais avançado em três delas. A gente tem o desempenho mais retardado, sei lá, mais... menos desenvolvido em outras três. E temos um desempenho mediano em outras três. Tipo assim, isso é o natural de todos nós. Então tem gente que tem inteligência musical. Tem gente... quando a gente chama essas pessoas com ouvido absoluto. Quando a gente... tem gente que tem uma inteligência musical, tem gente que tem uma inteligência visual. Tem gente que tem uma inteligência mais espacial. Tem gente que tem uma inteligência verbal. Tem gente que tem inteligência emocional. Então, e isso é característica da pessoa. Se essa pessoa tem o desejo, a libido dela consumida por uma produção, por uma atividade que está relacionada com sua área de potência, com a sua possibilidade de potência, ela vai desenvolver mais habilidade. E é isso que a gente chama de talento. É assim que eu vejo. Eu vejo dessa maneira. Que eu vejo dessa maneira. Eu não diria que esse menino é talentoso. Eu diria que esse menino é habilidoso porque é isso. Eu risco a

palavra talento do meu vocabulário. É essa a ideia.

Orador F: Eu digo que é Deus.

Orador C: Pois é, mas vão não acha esquisito que... é porque assim você explica o conceito eventualmente de talento, mas você só não quer nomeá-lo como talento. Porque chamar de múltiplas habilidades, o meu amigo BC que gravou a guitarra da música tema do nosso trabalho de mesa. O maravilhoso BC que tocou nos Móveis Coloniais e hoje tem um projeto maravilhoso que se chama Salimanga que é um forró, frevo, choro maravilhoso. Instrumentista absoluto, ele é um cara que tem ouvido absoluto. Ouvido absoluto no sentido de eu pego um violão, aperto qualquer coisa, faço um acorde qualquer que nem exista e bato. E ele fala o seu dedo não está na casa tal, seu dedo dois está na casa tal. Tal. Eu pergunto para ele se ele estuda isso, eu acompanhei ele desde o ensino médio, e ele cara... ele não é um cara que estuda isso. Ele tem um ouvido. Ele consegue identificar notas. Isso nasceu com ele parece. Sabe tipo, ele aprendeu na intelectualidade a decifrar o que ele percebe no ouvido e decodificar isso em notas ocidentais. Ele consegue dizer ah isso aí é o lá menor sustenido com a oitava maior porque você está com dedo assim, assim e assado. Tipo, eu já vi, exemplos dele, as pessoas tocando uma música inteira. Ele ouve você tocando e ele fala você tem que apertar a terceira corda um pouco porque ele consegue identificar que a sua terceira corda no meio de uma música está frouxa. E isso, cara não é treino para mim. O cara nasceu assim, cara. Eu não acho que ele treinou para chegar nesse lugar. Ele é assim. Sacou? E aí eu não sei se você não quer chamar isso de talento, mas para mim, me parece uma parada a mais assim. Tipo, eu não consigo chegar nesse lugar dele. Ele está num lugar que ele começou, ele pode treinar muito, eu posso até chegar próximo. Treinar igual a ele. Eu sei porque eu estive com ele toda a graduação e eu toquei em banda que ele tocava e eu estive treinando com ele quase todas as vezes que ele treinou. E eu não estou no mesmo lugar que ele. Entendeu? E eu provavelmente treinei mais. E eu acho que treinei mais porque eu não tenho a facilidade que ele tem. Ele não precisava treinar tanto porque ele tem uma facilidade com aquilo ali, entende? E essa facilidade, eu as vezes, eu acho Ok chamar de talento, mas ao mesmo tempo, eu concordo contigo. Talento pode ser uma parada não só segregadora, mas ilusória, sabe?

Orador D: Sabe? É eu sei também quando eu falo de treino. Eu não estou falando especificamente das horas que a pessoa para... passa estudando, não. Treino significa submeter-se. Isso que eu estou chamando de treino. Não é cartesiano, não. Esse cara deve ouvir música o dia inteiro. Esse cara deve treinar o dia inteiro, tipo o ouvido dele para perceber sonso. Eu acho que esse cara deve parar vídeos para voltar, para ver a nota. Deve ver... então assim, não necessariamente ele está treinando no violão. Ele está treinando nessa coisa. Tipo esses meninos mesmo que são fanáticos por algum assunto, sei lá.

Orador C: Almanaque, gibi.

Orador D: E tipo está o tempo... lembra o assunto que interessa. Esse é um assunto que tipo te motiva a ler e tal. Te motiva a ler. Você está sem fazer nada, você vai lá retoma aquele vídeo e tal. E aí você vai sabendo muito sobre aquele assunto e tal. Mas é isso.

Orador C: Então é isso, gurizada. Como vocês puderam ver, a conversa foi se estendendo e

foi ficando longa a gente acabou falando de coisas que não são tão muito populares. E esse é o objetivo deste episódio de hoje. Foi conversar sobre assuntos não tão populares só que eu resolvi fazer esse corte para o programa por aqui porque ele se estendeu por mais umas duas horas, praticamente. E a gente resolveu não deixar o programa tão grande, tão cumprido para a gente depois poder falar sobre um programa dois, um parte dois de ideias impopulares mas antes talvez fosse interessante que você que concordou e discordou com a gente até esse momento que vem aqui irritado, jogando coisa no chão, falando vocês estão errado. Enfim, interagindo com a gente sem a gente perceber mande um e-mail para a bilheteria arroba trabalho de mesa ponto com. Ou então, entre em contato com as nossas redes sociais no Instagram, pelo Youtube, pelo Facebook. A gente tem uma conta no Instagram que é super queridinha cuidado pelo nosso pessoal de mídia Pitica e Obregas um beijo para vocês. Eles sempre deixam lá vários posts interessantes, fazem enquetes e tudo mais. É maravilhoso. Confere lá então arroba trabalho de mesa lá no Instagram. A gente também tem Twitter arroba trabalho de mesa. Enfim, todas as redes sociais. Entra em contato com a gente. Mas principalmente, manda um e-mail, tá? Manda um e-mail com a sua opinião, com a sua ideia, o que você concorda, o que você discorda. Ficou ruim. Ficou bom. Fala um pouco da sua agonia aí. Tá? Porque a gente realmente resolveu fazer essa pausa para não ficar muito grande o programa porque eu acho que esse assunto rende. E tem muita coisa para gente discutir ainda e fica aqui um convite oficialmente um pedido, uma requisição, um pedido de desespero, por favor, alguém dos Dragões desça até aqui a nossa... o nosso subsolo, o nosso basement para poder conversar sobre esse assunto do gen, sobre esses assuntos todas que a gente vem discutindo até aqui. Se vocês discordam então, bilheteria arroba trabalho de mesa ponto com. Muito obrigado a todos que nos acompanharam até este momento. Tarde da noite ou do dia. Sei lá. O que você esteja fazendo, mas por favor, queríamos pedir encarecidamente que você entre em contato. Um beijo e até mais.

Orador B: O Trabalho de mesa é uma criação da E.T.C.A. - Equipe Teatral com Fins Artísticos.

Orador A Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio a Cultura do Distrito Federal.

**Fim da Transcrição [01:18:35.12]**